

5 Considerações finais

A luta da mulher pela conquista da igualdade de gênero vem progredindo paulatinamente nos últimos 15 anos, pode-se também constatar que as oportunidades de trabalho e qualidade de emprego ainda se distanciam da realidade da população masculina, apesar do aumento da força de trabalho feminina ter aumentado de 50,2% para 51,7% entre 1980 e 2008, segundo IBGE.

As mulheres estão buscando com mais intensidade o mercado de trabalho, mas ainda não gozam dos mesmos benefícios que os homens. Visto que enfrentam, em sua grande maioria, empregos precários e baixos salários, e por falta de opção se sujeitam a tais condições para ajudar nas despesas da família.

As transformações das relações de trabalho ocorridas no sistema capitalista ocasionaram inúmeras conseqüências desastrosas para os trabalhadores, como desproletarização do trabalho industrial fabril, expansão do trabalho assalariado no setor de serviços; aumento da força feminina no mercado de trabalho, e a intensificação da contratação terceirizada, propiciando o surgimento do desemprego estrutural em decorrência também, da automação e tecnologia que ocorreram em escala global.

A subproletarização do trabalho, vinculados à economia informal, resulta na precariedade do emprego e remuneração, na desregulamentação das condições de trabalho em relação às normas legais, na ausência de proteção e expressões sindicais. A tendência dos mercados de trabalho é reduzir o número de trabalhadores centrais e empregar mais trabalhadores flexíveis.

Aumenta sobremaneira a prática do trabalho informal, tanto considerado como uma alternativa para a sobrevivência dos trabalhadores que estão fora do mercado de trabalho formal, como também uma opção para escapar da demasiada regulamentação da economia do Estado.

Sendo assim, constatamos que o entorno do Centro Universitário do Norte – UNINORTE favorece a prática da informalidade devido ao grande fluxo de alunos que por ali transitam diariamente e optam por consumir os produtos alimentícios comercializados pelas ambulantes, pois seus baixos preços e rapidez no atendimento atraem grande parte dos clientes.

Com a realização da pesquisa, foi possível nos aproximar da realidade das vendedoras ambulantes do entorno do UNINORTE, nos permitindo saber que a idade da maioria alterna entre 31 a 40 anos, resultado que confirma a não inclusão das mesmas no mercado formal, visto que as empresas, principalmente do Distrito Industrial do Amazonas, preferem contratar jovens.

Em relação à questão familiar a pesquisa nos revelou que as ambulantes, sobretudo as casadas constituíram suas famílias formando o tradicional núcleo familiar composto pelo pai e mãe, apesar de não ser a única estrutura de família existente entre elas, pois existem mulheres já separadas e que fazem o papel de pai e provedoras do lar.

Outro fator relevante, é que mais da metade das pesquisadas já possuem sua casa ou apartamento próprio, fruto da atividade informal por elas desenvolvidas, garantindo uma rentabilidade suficiente que proporcionou aos poucos a aquisição de seu imóvel.

Foi possível identificarmos através do resultado da pesquisa que a metade das ambulantes possui apenas o Ensino Fundamental, e apenas uma conseguiu cursar o Ensino Superior e a Pós-Graduação. Esta realidade comprova que a educação é a forma mais segura de inserção no mercado de trabalho atual que exige altos níveis de conhecimentos e qualificações. Mas, não garante a empregabilidade mesmo a aquele que já possui um diploma, pois as empresas selecionam os profissionais cada vez mais qualificados com mais experiência, e também pelos cursos acumulados com perfil inovador e propício às mudanças.

Apesar das possibilidades apontadas acima, elucidamos que a maioria das ambulantes por falta de qualificação sempre exerceu atividade na via da informalidade, ou já estava há mais de sete anos exercendo, o que faz com que ratifiquemos a realidade do trabalhador atual, que em função da pouca ou nenhuma qualificação, dificilmente é inserido no trabalho formal, pois não atende às exigências do mercado.

Enfim, apesar das condições precárias sofridas pelas trabalhadoras que vivem na via da informalidade, as ambulantes, sujeitos da pesquisa, demonstraram satisfeitas com o trabalho, pois a renda mensal obtida para algumas, possibilitou a aquisição de imóveis, bens de consumo e o custeio da educação de seus filhos, condição que não conseguiram quando trabalhavam com carteira assinada.

No entanto, consideramos um risco afirmar que a informalidade seja a melhor via de acesso encontrado para inclusão social das trabalhadoras, inclusive no tocante ao processo de garantia integral da sobrevivência; mas ao

mesmo tempo, não se pode negar que, realmente o acesso a bens e serviços oportunizado pela via informal, oferece condições que mesmo sem a falta de garantias trabalhistas, constrói o imaginário de real possibilidade de inclusão social desses sujeitos alvos da pesquisa.